

EÇA DE QUEIROZ

Do romantismo ao realismo

Na segunda metade do século XIX, e mais especificamente a partir do Cenáculo, da Questão Coimbrã e das Conferências do Casino, onde emergiu a Geração de 70, começou a impor-se em Portugal, à semelhança do que aconteceu nos mais influentes países europeus, uma nova corrente literária, que ficou para a história com a designação de Realismo.

Anteriormente, no período romântico, onde sobressaíram Almeida Garrett, Alexandre Herculano e Camilo Castelo Branco, havia uma abordagem algo fantasiada do mundo, da natureza e da humanidade.

Os realistas procuraram descrever a vida tal como ela efetivamente se apresenta, avançando já - embora numa perspetiva burguesa - com alguma crítica social, se bem que nalguns casos, como o de Antero de Quental, indo um pouco mais longe (a assunção plena da literatura como instrumento de combate ao serviço da libertação social só viria a surgir após a década de 30 do século XX, com o neorealismo, que despontou autores da craveira de Alves Redol, Soeiro Pereira Gomes e Manuel Tiago, com livros da dimensão de *Gaibéus*, *Esteiros* e *Até Amanhã Camaradas*).

Eça de Queiroz figura incontornável do realismo

Eça é indiscutivelmente o grande arauto dessa corrente literária.

E a sua obra é de tal forma marcante que ainda hoje, mais de 100 anos após a sua morte, continua a servir de referência para muitos escritores, críticos e leitores, não apenas em Portugal, mas junto de toda a lusofonia, com especial enfoque no Brasil, onde é particularmente apreciado.

Eça, natural da Póvoa do Varzim, formou-se em Direito pela Universidade de Coimbra, exercendo advocacia com um escritório no Rossio de Lisboa, onde ainda existe uma placa a assinalar o facto, teve uma experiência como administrador de concelho em Leiria, mas partindo seguidamente para uma sólida carreira diplomática, tendo sido cônsul designadamente em Cuba, Inglaterra e França.

Mas foi sempre participando na vida cultural portuguesa, que acompanhada à distância e sem constrangimentos financeiros, lhe permitia uma visão mais independente e objetiva.

A par de inúmeros artigos na imprensa, construiu uma obra literária muito interessante e que pode repartir-se por três momentos fundamentais:

Período romântico

É a fase inicial do escritor, ainda influenciado pelo romantismo de inspiração germânica, e antecipando logo todas as qualidades do seu génio literário, refletidas nas *Prosas Bárbaras*.

Período realista

Constitui a fase mais brilhante do autor, onde se propõe fazer a denúncia crítica da sociedade portuguesa da época, utilizando como principal arma de arremesso o seu imperdível sarcasmo. E surgem aqui os livros fundamentais, designadamente *O Primo Basílio*, *O Crime do Padre Amaro* e *Os Maias* (considerado a sua obra-prima).

Período naturalista

Trata-se da fase derradeira do artista, onde atenua um pouco o fulgor crítico, mas continua a revelar argúcia psicológica, fina ironia e mestria descritiva inigualáveis, que a leitura de *A Cidade e as Serras* confirma.

Eça no panorama internacional

O professor e grande crítico literário norte-americano, Harold Bloom, na sua monografia *Génio* inclui Luís de Camões, Eça de Queiroz e Fernando Pessoa, entre os 100 melhores escritores mundiais de sempre e enaltece José Saramago como um excepcional romancista.

Não podemos estar mais de acordo.

Pois, rematando com Eça e para o celebrar, sugerimos a leitura do pequeno, mas representativo e delicioso livro *O Conde de Abranhos*.

Adelino Cardoso
Cooperador da Mútua